



Os Sujeitos da Indústria Cultural: Apontamentos para uma leitura da Dialética do Esclarecimento¹

Rodrigo Cássio OLIVEIRA²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A *Dialética do Esclarecimento*, enquanto obra basilar da teoria crítica, oferece chaves de leituras diversas. Em um plano geral, trata-se de uma obra dedicada ao processo do esclarecimento, tendo em vista uma avaliação do seu estado presente, no qual a ideologia da indústria cultural se afirma como um meio de cooptação do indivíduo a favor da prosperidade do sistema de valores e de trocas do capitalismo tardio. Nessa conjuntura, em que a função dos meios de comunicação se revela essencial à manutenção da ordem, o estudo de Adorno e Horkheimer pode ser situado entre as matrizes da reflexão contemporânea sobre a formação da subjetividade, marcada pelo afastamento da concepção moderna de um sujeito formal abstrato. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir o tema da subjetividade tal como ele é exposto na *Dialética*, identificando as principais referências teóricas de seus autores.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria crítica; indústria cultural; subjetividade; Escola de Frankfurt; ideologia

TEXTO DO TRABALHO

Nos primeiros anos da década de 1940, Adorno e Horkheimer empreenderam a realização de um antigo projeto. Já instalados há alguns anos nos Estados Unidos da América, os autores se reuniram para a escrita e a publicação de uma obra sobre os tópicos mais urgentes do mundo contemporâneo. O resultado desse esforço conjunto, a *Dialética do Esclarecimento*, constitui, certamente, a base teórica mais representativa da Escola de Frankfurt, marcando um legado inequívoco para os estudos de comunicação. No livro, a noção de ideologia é analisada em relação direta com a prosperidade da ciência moderna e dos monopólios econômicos que atualizavam o capitalismo no começo do século XX. Os temas em que se debruçam Adorno e Horkheimer, em todo caso, não se esgotam nessa análise da ciência e dos postulados capitalistas, posto que ela

¹ Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação do NP-Intercom - VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: rodcassio@hotmail.com



acompanha, de maneira imprescindível, uma série de proposições sobre o estágio de processo civilizatório que dizem respeito à condição humana, a arte e a mídia.

Nesse sentido, um dos temas mais caros à *Dialética do Esclarecimento* é o da subjetividade. A dominação pela sistematização intensa do mundo capitalista, balizada pela indústria cultural, ocorre no seio de uma derrocada das possibilidades de realização individual, substituídas por uma inserção constantemente reafirmada das partes no todo, ou seja, do indivíduo no social. Por essa via, o sistema de setores auto-coerentes que constitui esse social se mantém, justificando-se e continuando a forjar a adesão de cada um dos integrantes como um processo natural, espontâneo. Dessa ordem, de cunho ideológico, decorre o enrijecimento das relações sociais que não ameaça o *status quo*. Ao contrário, a ideologia atua no sentido de promover a manutenção desse estado, individuando e programando os comportamentos, os desejos e os pensamentos em favor do sistema.

Para penetrar no tema da subjetivação pela indústria cultural, apontando as principais referências de Adorno e Horkheimer, é necessário, portanto, uma apresentação da *Dialética do Esclarecimento* que estabeleça o projeto geral da obra, passando pela compreensão do lugar e da função dos meios de comunicação de massa na cooptação individual.

O esclarecimento como processo e a crítica à ciência positiva

Na língua alemã, o termo *aufklärung* corresponde com bastante precisão a *esclarecimento*. A palavra é usada, coloquialmente, para indicar a superação de um estado qualquer de ignorância. Guido Antonio de Almeida, tradutor da edição brasileira da *Dialética do Esclarecimento*, cita dois exemplos desse uso comum da palavra: o “esclarecimento sexual” e o “esclarecimento político”. Em ambos os casos, recorrentes no dia-a-dia, trata-se de afirmar uma tomada de consciência sobre algum problema concreto, um aprimoramento da postura humana diante de algo que se mostrava obscuro. Há uma relação entre esse significado usual do conceito e a sua apropriação por Horkheimer e Adorno na *Dialética do Esclarecimento*. No entanto, a tradução não pode ser deliberada. No sentido da linguagem coloquial, o esclarecimento também remete a um processo histórico de libertação do homem, que racionaliza e domina a



natureza logo que constata as ameaças decorrentes da sua força física inferior, e, ao mesmo tempo, a sua diferença para com os outros seres, ou seja, a própria capacidade de racionalização.

O termo possui maiores implicações à medida que se volta para a história da cultura ocidental e identifica os passos desse processo de libertação. Adorno e Horkheimer atentam para a trajetória que deu origem a uma progressiva sistematização do saber na Grécia Antiga, culminando na implantação da ciência moderna. “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 11). O projeto de mundo do Iluminismo, calcado na racionalidade das instituições e da moral, era contestado radicalmente por um começo de século violento, marcado por guerras de grande alcance geográfico e poder de destruição. A racionalização do mundo, em vez de conduzir a uma realidade mais humanizada, no sentido de evitar os perigos para os quais a fragilidade humana deixava margens, conduziu a um estado não menos marcado pela barbárie do que antes; um estado no qual a racionalidade libertadora se convertia em uma racionalidade técnica, ou, no termo que seria cunhado por Herbert Marcuse em *O Homem Unidimensional*, de 1964, em razão instrumental.

A relação entre civilização e barbárie já deixa ver o viés freudiano presente na *Dialética do Esclarecimento*, levando em conta escritos de Freud mais diretamente relacionados à cultura e a coletividade, como *O Mal-estar na Civilização*. Ao mesmo tempo, é decisiva para essa teoria da civilização a obra póstuma de Walter Benjamin, *Teses sobre a Filosofia da História*, que só chegou às mãos de Adorno por intermédio de Hannah Arendt, em forma de manuscrito. Durante os séculos do Iluminismo, a filosofia concebeu a história teleologicamente, isto é, como um devir voltado para um finalidade pré-definida. Autores como Kant (1999) e Hegel (1995) perceberam as mudanças de cada época como produto de um fio condutor associado à razão humana. Essa maneira de compreender a história, nitidamente caracterizadora da civilização como um melhoramento das condições do homem (pelo menos em um plano geral, de organização das relações políticas e das instituições), já não parecia suficiente para Adorno e Horkheimer. Mesmo que o esclarecimento delineie contornos próprios em cada momento histórico, para Adorno e Horkheimer, a civilização e a barbárie



caminham juntas, e o mundo moderno, o do Iluminismo, não se trata da consumação de um projeto civilizatório mais bem acabado, e sim de uma etapa em que o processo do esclarecimento ganha uma forte consciência de si mesmo – o que não evita a regressão verificada pelos autores no começo do século XX.

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 18).

Desse modo, Adorno e Horkheimer associam o esclarecimento a um processo de “desencantamento do mundo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 17). Nesse ponto, ao contrário do que uma interpretação imediata poderia supor, o surgimento da filosofia enquanto uma alternativa aos mitos, explicando o mundo racionalmente para os gregos, não representa a origem do esclarecimento. Os mitos já continham, ao seu modo, o germe daquilo que a racionalidade abraçaria até o surgimento da ciência moderna, e há mais semelhanças entre a operacionalidade do mito e da ciência do que supõe a modernidade.

Se, na visão mítica, os espíritos e demônios eram o objeto da relação dos feiticeiros com as tribos, a ciência se equipara a essa relação ao tomar o céu e sua hierarquia como foco do sacrifício qualificado dos seus trabalhadores. Há uma lei de igualdade, de equivalência, que perpassa as duas formas de relação do homem como o mundo. Uma lei científica, por exemplo, deve ser garantida pela repetibilidade, ou seja, o seu enunciado somente é válido quando indica alguma coisa que pode se repetir indefinidamente, sem alterações no resultado. Não é outra a repetibilidade transmitida pelas soluções da mitologia. Em síntese, os mitos já refletiam uma dominação racional da realidade, o que vai duramente contra os princípios do positivismo – Comte (1978), o melhor exemplo, concebe o *estado científico* como a ponta da evolução humana, estando na base dessa evolução o *estado teológico*, que corresponderia ao momento da crença ingênua nos mitos.



O esclarecimento, em seu processo, promove uma negação das compreensões do mundo em vigor, reduzindo-as a crenças. Tal foi a atitude da filosofia frente ao mito. Da mesma forma, tal foi a crítica do positivismo à metafísica – caberia, aqui, mencionar ainda o momento intermediário apontado por Comte: o *estado metafísico*, superado pela ciência quando da recusa dos resquícios de um conhecimento universal, não verificável, não instrumental. O desencantamento do mundo é justamente uma busca pelo fim dos mistérios. Com ele, o pensamento se torna administrativo, eminentemente prático, e o seu caráter superador degenera. O esfacelamento da linguagem traz à tona essa degeneração. Ao contrário do saber antigo, a ciência e a poesia estão separadas em domínios diferentes, inconciliáveis. Separadas, ambas são melhor administradas, e ambas se convertem em domínios meramente funcionais no interior do sistema. Em um paralelo que antecipa a noção de indústria cultural, é possível associar essa funcionalidade da linguagem científica à pretensa objetividade da linguagem publicitária. Em ambas, as palavras são petrificadas, opacas, deixando de significar para apenas designar. Elas exigem a adesão e oferecem um choque, tal como nas fórmulas mágicas da magia que o positivismo julga ter superado.

Nas palavras dos autores, a ciência se torna *esteticismo*, um conjunto de signos independentes no interior de uma unidade fragmentadora. Torna-se indesejável a pretensão de ultrapassar os limites dessa unidade, de modo que se formule um olhar sobre o todo. A ciência, absorvida pela cultura em nome da autoconservação, recusa, por exemplo, a integridade estética dos fenômenos artísticos, para se prender aos seus aspectos parciais, contribuindo para a subordinação da arte ao cientificismo. Nesse percalço, surgem os estudos sobre aspectos de uma ou outra obra de arte. Ora, é inerente ao aparecer estético ser o novo, o chocante, a apreensão do todo no particular. A subordinação do artístico ao científico, porém, atua no sentido de endossar a repetição do que existe, sem rupturas, sem colocar em conflito a estabilidade da ordem social. O mesmo vale para a ciência experimental que toma por objeto os meios de comunicação, fragmentando-os e afugentando uma percepção da totalidade, numa crítica dos autores às pesquisas administrativas que partem para campo sem situar o seu diagnóstico em uma compreensão do todo social (MATTELART, 2002).



Os meios de comunicação, a ideologia e a subjetividade

A dialética é uma disposição do pensamento que se mostra contrária a essa decadência do sentido das coisas e dos conceitos, que se dá em prol das fórmulas, das regras, das probabilidades. Trata-se de restaurar a potencialidade da linguagem e do próprio pensar, revelando os mecanismos de dominação impetrados pela indústria cultural. Pois o esclarecimento naturalizou o mundo humano, alojando o homem ultra-civilizado em uma condição de refém de uma natureza tão opressora quanto a de seus anteriores. Com a indústria cultural, chega o momento em que o esclarecimento regride à ideologia, fazendo-se necessário descobrir, justamente, os fundamentos humanos encobertos pelo mundo da técnica, e, assim, acusando o perigo da autodestruição do esclarecimento.

Adorno e Horkheimer recorrem ao mito de Ulisses, narrado na *Odisséia*, de Homero, para ilustrar a condição de uma sociedade de classes na era da massificação. Segundo o mito, Ulisses precisava utilizar uma embarcação sobre águas repletas de sereias, cujo canto levava os ouvintes a mergulharem no mar para a morte. Ao se lançar na viagem, Ulisses tapa os ouvidos dos remadores com cera, e se amarra no mastro da embarcação. O procedimento permite uma viagem segura: mesmo com o canto das sereias, os remadores não se jogam ao mar, pois não o ouvem; ao mesmo tempo, ainda que pudesse ouvir as sereias, Ulisses não se joga, pois está preso ao mastro.

A interpretação dessa passagem da *Odisséia* mostra a separação de uma minoria apta a proporcionar para si mesma certos desfrutes, ao passo que a grande maioria, a que se ocupa com os deveres do trabalho mecânico e repetitivo, não pode passar pela mesma experiência. Aqueles que *tocam o barco* são marcados pela alienação, numa figura de como se sustenta, ideologicamente, o todo social. Esse estado de alienação, contudo, não afeta apenas os dominados, mas também os dominadores. O barco, afinal, é o mesmo, e todos navegam para uma mesma direção. Aqui, o conceito de ideologia aparece com especial relevância. A ideologia burguesa, amparada pela indústria cultural, ocupa o lugar que no período pré-capitalista era destinado à religião. Diferente do que julgam alguns sociólogos de seu tempo, para Adorno e Horkheimer o declínio do âmbito religioso não prenuncia um caos social. Ao contrário, a ordem é mantida à medida que a semelhança de todas as coisas é afirmada pela indústria cultural.



Nesse sentido, “o cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 99). A indústria cultural não é o mesmo que a cultura de massas (no sentido de uma cultura feita para a massa, por ela mesma), mas sim uma produção calculada de bens simbólicos que imprimem uma falsa identidade do universal com o particular. Enquanto sistema, trata-se de uma totalidade que abarca todas as manifestações individuais, inclusive as que parecem contrárias – mas que, no fundo, apenas repercutem as raízes mais arraigadas da ordem constituída.

Limitado em suas ações e desejos, submetido a uma concepção total do mundo e da vida, naturalizando o seu momento civilizatório sem a noção exata do esclarecimento, o indivíduo não retroage, perdendo a sua autonomia. Mesmo aqueles que deveriam ser sujeitos (Ulisses, comandante do navio, chefe dos remadores) não o são completamente (Ulisses, preso ao mastro, no mesmo barco com os seus comandados). Isso decorre de que a indústria cultural oferece a satisfação para a necessidade humana de se diferenciar dos outros seres, isto é, oferece ao homem, ao seu modo, uma esfera espiritual que institua a sua autoconcepção. Tudo o que representaria, de fato, liberdade e diferença, acaba reunido na esfera do consumo - a arte é o melhor exemplo, e, como já antecipava Marcuse, “somente na arte a sociedade burguesa tolerou a realização efetiva de seus ideais” (MARCUSE, 1997, p. 113), ou seja, o ideal de igualdade da Revolução Francesa foi convertido em uma *cultura afirmativa*, que esconde as desigualdades sociais ao forjar uma igualdade cultural. O desenvolvimento dos *mass media*, nesse contexto, é um desenvolvimento que mira a anulação do sujeito no sistema: se o telefone ainda permitia aos dialogantes o papel de sujeito de suas falas, o advento do rádio é a transformação desses sujeitos em meros ouvintes.

Rodrigo Duarte (2003), chama a atenção para uma falácia bastante usada contra Adorno e Horkheimer. Ela afirma que os produtos da indústria cultural são o que os indivíduos querem, e por isso é que são oferecidos. No entanto, para os autores, o ato de querer não escapa de um condicionamento pela indústria cultural. Em outras palavras, Adorno e Horkheimer estão atentos à orientação de toda a cultura para a homogeneidade, não se tratando de um simples movimento unidirecional de conquista das massas (no sentido, por exemplo, da teoria hipodérmica, de manipulação dos receptores). Como aponta



Mauro Wolf (2005), a Escola de Frankfurt se fundamenta mais em uma perspectiva filosófico-sociológica que em uma perspectiva psicológica. A mudança se dá em um nível mais abstrato e geral, acusando, em última instância, o novo lugar da subjetividade. Tomando a *Crítica da Razão Pura* de Kant como obra dialogante, Adorno e Horkheimer advertem que o sujeito não possui mais o controle das suas próprias representações. A interpretação dos dados sensíveis não é mais realizada por meio de um esquematismo dos conceitos puros do entendimento, como supunha o filósofo de Königsberg. Agora, o sujeito é objetificado por um agente externo. É a indústria cultural que relaciona as intuições empíricas com as categorias universais, cunhando um novo esquematismo: o da produção.

Por isso, os produtos da indústria cultural são marcados pela previsibilidade. As classificações da indústria determinam as diferenças entre os produtos, que são, acima de tudo, mercadológicas. Os filmes de Hollywood, por exemplo, divididos por gênero. Na linguagem padrão da indústria cinematográfica, as relações lógicas que exigem um esforço maior de interpretação por parte do espectador, forçando uma elaboração do todo, são evitadas em nome da efemeridade de cada cena, conectando cada momento do filme com o momento imediatamente anterior, e não mais que isso. Também as músicas são previsíveis: “O ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 103). Para os autores, essa repetição constante reverbera o ritmo das rotinas fabris. O homem da fábrica, com seu trabalho repetitivo, é o público da arte da repetição – protótipo que se desdobra nas múltiplas funções dos trabalhadores no capitalismo tardio. Assim, o ócio é invadido pelos mesmos procedimentos das horas de trabalho, o mesmo ritmo, adaptando os homens ao processo produtivo.

A semelhança perfeita é a diferença absoluta. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. A identidade do gênero proíbe a dos casos. Cada um é tão-somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 120).



A indústria cultural debela os indivíduos desviantes das exigências sociais que mantêm as relações econômicas. A exploração do trabalho do outro é um fundamento último que deve ser aceito, e é aceito por meio da conexão interna dos indivíduos com o sistema. Por isso, antes de ser considerada um problema ligado às exclusões do capitalismo, a miséria aparece como um tipo de excentricidade que deve ser condenada. Poucos tipos são mais culpados que o indivíduo que se torna miserável após possuir uma vida bem provida. Do mesmo modo, a interiorização da ideologia movimenta as empresas a tratarem os trabalhadores como pertencentes a uma família, garantindo um compromisso afetivo que alimente e dinamize a produtividade – a explosão do empreendedorismo, na última década, mostra a sofisticação desse artifício no capitalismo atual. Nesse ponto, uma influência particular de Adorno, pouco comentada, se revela no texto da *Dialética do Esclarecimento*. Tendo se doutorado com uma tese sobre Kierkegaard – o que resultou na obra *Kierkegaard: A construção do estético*, de 1933 –, é notável que Adorno desenvolve uma série de problemas que caracterizam esse estudo de formação.

A supressão do singular pelo potencial totalitário do Estado moderno, a imposição do público como uma abstração que ocupa os homens em tempo integral, fazendo com que os indivíduos sejam números, e não indivíduos concretos; todos são temas antecipados por Kierkegaard. Na *Dialética*, a menção ao trágico é a que mais se destaca nesse legado. Para Kierkegaard (1962), a nossa época é de tal modo que, se houvesse uma jóia de valor sobre um lago congelado, exatamente no ponto em que a camada de gelo é mais fina, a multidão, observando de um lugar seguro, exaltaria a habilidade do esquiador que avançasse até o limite da segurança, para então retornar. Se ele se arriscasse muito, seria condenado, chamado de insano, acusado por colocar em risco a sua vida – e, sabendo disso, o esquiador se arriscaria apenas para agitar a multidão, sempre cuidando para não colocar, de fato, a vida em risco. Em outra época, as pessoas observariam esse evento de maneira diferente: em vez da curiosidade cheia de expectativas e julgamentos, elas se alegrariam com a coragem daquele que se apresentasse para caminhar sobre o gelo, temeriam pela sua morte, lamentariam se ele fosse mal sucedido, e o transformariam em um deus se ele retornasse com a jóia nas mãos.



Essa metáfora de Kierkegaard vem à tona, implicitamente, quando Adorno constata o desaparecimento de homens como este último. Não há mais lugar para o trágico, que é justamente a possibilidade de o indivíduo se comprometer com algo até as últimas conseqüências, mesmo que isso resulte em sua aniquilação. Uma liquidação do trágico ocorre à medida que se tornam mais raros os homens capazes de se opor às massas. Em troca, a indústria cultural oferece a pseudo-individualidade, cominando a identificação incondicional. “A pseudo-individualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 128). Assim como o culto ao *star system* dos filmes industriais, na leitura de Walter Benjamin (1994), aparecia como uma compensação para a derrocada da aura da obra de arte, os inúmeros heróis do cinema, da televisão, das capas de revistas, as personalidades ou famosos são modelos que facilitam a individuação.

Conclusão

Ao recair sobre o tema da formação da subjetividade na sociedade contemporânea, à luz da noção de indústria cultural na *Dialética do Esclarecimento*, esse trabalho pretende apontar para uma das possíveis ênfases na leitura dessa obra. Como se vê, o tema não dispensa uma passagem cuidadosa por outros tópicos que estabelecem a unidade do livro e a dimensão da análise de Adorno e Horkheimer. A estrutura da obra às vezes se aproxima de um ensaio rigoroso, em que a mesma concepção crítica da realidade é apresentada de maneira multifacetada, isto é, entendida a partir de uma história da civilização, de um diálogo direto com as filosofias modernas e a psicanálise, ou de uma olhar universalizante e sistemático sobre os meios de comunicação.

Em síntese, os sujeitos da indústria cultural, para Adorno e Horkheimer, aparecem como o resultado de um assujeitamento, e não como a manifestação de alguma forma de autenticidade. “A cultura sempre contribui para domar os instintos revolucionários. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição pela qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 126).



Dentro dessa perspectiva, constituir-se individualmente exigiria um esforço maior que imitar e se ajustar à totalidade social. A indústria cultural é uma facilitadora. O sistema facilita a inserção – que é uma cooptação e um amortecimento – dos particulares, e, enfraquecidos pela rotina de trabalho e pelo consumo voluntário dos produtos industriais, os homens agradecem a dispensa de terem que decidir sobre si mesmo, o que inclui a isenção de serem partes ativas na problematização da ordem. Uma liberdade formal e individualizada aparece como fato consumado, semelhante a um bem adquirido que se estende sobre o social sem exigir manutenção crítica. Desse modo, ninguém precisa se responsabilizar, diante do todo, por aquilo que pensa. Ao contrário, as igrejas, clubes, associações profissionais e outros relacionamentos substituem essa responsabilidade, exercendo a função de controle social. “As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 128).

Nesse conjunto de reflexões sobre a especificidade do século XX, sobre as suas formas e seus processos, defende-se que o tema da subjetividade, enquanto uma das balizas da perspectiva frankfurtiana, opera no interior de uma temática marcada por contribuições significativas na últimas décadas. A *Dialética do Esclarecimento* pode ser entendida como uma obra que apresenta problemas pertinentes a âmbitos como o dos estudos culturais (a identidade e as representações na mídia) ou das teorias midiológicas voltadas para os processos de subjetivação – estão em cena, por exemplo, as problematizações da noção de sujeito realizadas por autores como Foucault e Deleuze, que poderiam ser referenciadas neste panorama. Com isso, assume-se tacitamente, como uma hipótese, que o conceito de indústria cultural continua válido para o estudo das relações sociais, a despeito das novidades tecnológicas que interferem nas trocas, e, em certo sentido, parecem reconfigurar o seu funcionamento – atentar para os sujeitos por trás das trocas parece uma via pela qual Adorno e Horkheimer poderiam sustentar, ainda agora, a sua crítica da cultura.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.



BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Teses sobre a Filosofia da História. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HEGEL, George W. F. **A razão na história**. Lisboa: Edições 70, 1995.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KIERKEGAARD, Søren A. **The Present Age and of the Difference Between a Genius and an Apostle**. New York: Harper Torchbooks, 1962.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____. Sobre o caráter Afirmativo da Cultura. In: **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 73-84.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.